

**Filiação teórica: uma análise do lugar e função desempenhados pelas vozes convocadas**

***Theoretical affiliation: an analysis of the place and function performed by the summoned voices***

**Hefraim da Silva Costa<sup>1</sup>  
Katia Cilene Ferreira França<sup>2</sup>**

**RESUMO:**

Este trabalho volta-se para a observação da escrita acadêmica, para a compreensão do jogo que o pesquisador realiza com a voz alheia no sentido de fundamentar o próprio dizer e, assim, marcar sua ligação a uma família teórica. Partimos da ideia de que o sentido de filiação teórica não é exato, nem transparente, mas carregado de *opacidade*, que pode ser percebida quando levantamos as vozes citadas e analisamos que lugar e função elas ocupam na escrita de artigos científicos. Isso significa dizer que não vamos observar o discurso citado por ele mesmo, mas com a intenção de entender o que ele diz sobre a filiação. Para este estudo, tomamos como perguntas: em artigos que tratam do ensino de língua portuguesa quais os nomes mais citados? Que função desempenham? Para esta discussão tomamos como ponto de partida os estudos de Volochinov (2017) que trata o dialogismo como fundamento da linguagem; os de Bakhtin (2011) sobre o enunciado que acontece em meio a já ditos e como tal revela uma genealogia do dizer; além dos de França (2018) sobre a problematização do sentido de filiação e os tipos de arranjos familiares. Como objeto de análise, delimitamos artigos científicos que tratam sobre o ensino de língua portuguesa, publicados em periódicos da área de Letras, do Maranhão. Esta investigação é desenvolvida no Programa de Iniciação Científica (PIBIC), no projeto denominado Filiação teórica e produção científica: análise dos periódicos maranhenses.

**Palavras-chave:** Discurso de outrem; Escrita acadêmica; Filiação Teórica.

**ABSTRACT:**

This work focuses on the observation of academic writing, for the understanding of the game that the researcher plays with the voice of others in order to substantiate his own saying and, thus, mark his connection to a theoretical family. We start from the idea that the meaning of theoretical affiliation is neither accurate nor transparent, but charged with opacity, which can be perceived when we raise the voices mentioned and analyze what place and function they occupy in the writing of scientific papers. This means that we are not going to observe the quoted speech by itself, but with the intention of understanding what it says about affiliation. For this study we take as questions: in papers that deal with the teaching of Portuguese language, which are the most quoted names? What role do they play? For this discussion, we take as a starting point the studies of Volochinov (2017) that treats dialogism as the foundation of language; those of Bakhtin (2011) on the statement that takes place in the midst of what has already been said and as such reveals a genealogy of saying; in addition to those of França (2018) on the problematization of the affiliation meaning and the types of family arrangements. As an analysis object, we have delimited scientific papers that deal with Portuguese language teaching, published in journals in the area of Linguistics, in Maranhão. This investigation is carried out in the Scientific Initiation Program (PIBIC), in a project called Theoretical affiliation and scientific production: analysis of Maranhão's journals.

**Keywords:** Other's speech; Academic writing; Theoretical affiliation.

ISSN: 2359-1064

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA - Campus São Bernardo). Membro do Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes (GEEPS-UFMA). Voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no projeto *Filiação teórica e produção científica: análise dos periódicos maranhenses*, desenvolvido pelo GEEPS/UFMA e apoiado pela Fundação Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9934-9661>. E-mail: [hefrainsilva9@gmail.com](mailto:hefrainsilva9@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Linguagem (UFRN), professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA- Campus São Bernardo). Líder do Grupo de Estudo Escrita e Produção de Saberes (GEEPS/UFMA). Coordenadora do projeto *Filiação teórica e produção de conhecimentos: análise dos periódicos maranhenses* (UFMA/FAPEMA) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7756-9121>. E-mail: [katia.franca@ufma.br](mailto:katia.franca@ufma.br)

**COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.**

## **Introdução**

Este trabalho se inscreve como uma pesquisa voltada para a constituição da filiação teórica em artigos que circulam em revistas científicas maranhenses. Partimos da concepção bakhtiniana de linguagem para qual a escrita é um enunciado que se estabelece como atividade que dialoga com a situação imediata de sua produção e de outras realidades, dialoga com já ditos e com outros enunciados a serem elaborados.

Nesse sentido, consideramos tanto a revista científica, como os artigos nela publicados, como enunciados responsivos, a partir dos quais podemos observar uma série de diálogos do pesquisador com diferentes vozes convocadas para mostrar a filiação teórica e responder às regras que orientam a escrita em revistas científicas.

As revistas científicas, segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas - (ABNT), são definidas como “uma publicação em qualquer tipo de suporte, editada em unidades físicas sucessivas” (NBR 6023, 2002) que têm a missão de transmitir conhecimento e publicá-lo, fazendo circular, tornando públicas as novidades e o progresso da ciência.

Para que um artigo circule como discurso científico, ele precisa obedecer a regras que envolvem: a estrutura do texto, a validade e relevância da pesquisa, a construção de um problema fundamentado na interação com autores que representam uma abordagem teórica, ou seja, um modo de observar e analisar cientificamente um fenômeno da realidade. O funcionamento dessas regras fica à mostra a partir de operações com os esquemas de discurso citado, envolvendo menção e uso da palavra alheia na construção do próprio dizer que, para ser legitimado como escrita científica, precisa mostrar e marcar uma filiação teórica.

Propomos uma discussão sobre a filiação em artigos que tratam do ensino de língua na escola e também a observação de quais vozes estão fundamentando tais investigações. Nossa intenção não consiste em fazer o levantamento do número de autores citados, mas buscar compreender quais vozes são recorrentes nas pesquisas sobre o ensino de língua portuguesa. Essa observação não diz apenas sobre a convocação de nomes próprios de autores, mas também sobre a relação entre filiação e produção de conhecimento.

**COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.**

As perguntas que motivam esta discussão são: quais são as vozes mais recorrentes nos artigos de língua portuguesa publicados em periódicos maranhenses? Qual lugar e função ocupam na constituição da filiação teórica da pesquisa? Propomos como objetivo observar, reflexivamente, quais vozes são recorrentes em pesquisas que discutem sobre ensino de língua, qual o lugar e a função dessas vozes na constituição da filiação teórica em artigos científicos.

Para responder a nossa questão da pesquisa, tomamos como objeto de análise artigos científicos publicados em periódicos maranhenses da área de Letras, disponíveis em versão *online*. Para este trabalho, selecionamos três artigos publicados no período de 2016 a 2019 que tratam efetivamente do ensino de língua portuguesa na educação básica e fundamentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais – (PCN). Essa delimitação deve-se ao nosso interesse em observar quais linhas de pesquisa são convocadas quando se trata dessa temática, sobre como se constitui a filiação teórica do pesquisador em formação, especificamente sobre o ensino de língua portuguesa e sobre as vozes convocadas para fundamentação da sua pesquisa.

A observação das vozes mobilizadas aponta para a constituição da filiação formada não apenas por vozes representantes do discurso científico, mas também para o espaço que os documentos oficiais, especificamente os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), vêm ocupando nas pesquisas.

A discussão que buscamos desenvolver, neste trabalho, tem como ponto de partida os estudos de Volochinov (2017), que trata o dialogismo como fundamento da linguagem sobre o discurso outrem no/e sobre o discurso; de Bakhtin (2011) sobre o enunciado que acontece em meio aos discursos proferidos e, como tal, revela uma genealogia do dizer; de França (2018) sobre a problematização do sentido de filiação que se desenha na escrita do pesquisador.

Esta investigação consiste em uma pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica (PIBIC), no projeto denominado Filiação teórica e produção científica: análise dos periódicos maranhenses.



COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

### Breve contextualização do objeto de pesquisa

Os discursos que compõem o *corpus* analisados ao longo do presente texto evidenciam enunciados do campo científico, assim como do campo da política educacional e seus documentos oficiais que circulam como reguladores das práticas de ensino, como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Convocar o discurso alheio na escrita acadêmica é um modo de responder a essas questões, que levantamos como ponto de partida para nossa pesquisa, sobre os vários outros com os quais o pesquisador dialoga, especialmente quando se trata de estudo sobre o ensino de língua portuguesa na escola.

Nesse estudo, não propomos como principal a discussão sobre o PCN, mas direcionar a reflexão sobre o assunto, considerando o nosso interesse, quanto ao trabalho de análise, quanto a filiação teórica na escrita de produções científicas, publicadas em periódicos maranhenses. Nesse sentido, entendemos a necessidade de abordarmos, mesmo que de forma breve, reflexões teóricas acerca dos Parâmetros Curriculares Nacionais, uma vez que a discussão é tema dos artigos selecionados e, como tal, abre um leque para diferentes possibilidades de análises. Nesse sentido, a abordagem teórica que toma por base reflexões acerca do PCN, presente na estrutura textual nos artigos selecionados, fizeram-se necessárias para situarmos o leitor acerca das perspectivas de que tratam os artigos.

Nos artigos selecionados, o PCN se apresenta como uma carta ao professor e que busca orientar esse profissional, dando a ele orientações sobre como deve ser a prática docente, as metodologias e abordagens inovadoras para o ensino. A proposta é influenciar positivamente o processo de ensino e aprendizagem não de forma prescritiva, mas reflexiva e voltada para a aquisição de competências e habilidades do aluno (BRASIL, 2000). Essa proposta converge com as discussões de cientistas da linguagem empenhados em estudar sobre língua e ensino. No entanto, os PCN não se constituem como um discurso científico, sua finalidade é fornecer parâmetros para organização de currículos nacionais da educação básica.



COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

Enquanto enunciado, os PCN são carregados de respostas além de serem também uma voz que se faz presente em pesquisas sobre o ensino de língua. Sua presença tem lugar de destaque tanto como discurso citado que representa a voz oficial e institucional do Brasil quanto palavra alheia presente na constituição da filiação da pesquisa. Em nosso trabalho, a presença dos PCN não funciona como fundamentação teórica, mas como menção sobre o que ele diz de si mesmo e como “texto de busca” sobre determinados conceitos utilizados pelos pesquisadores nos artigos selecionados para a análise que realizamos.

Nosso objetivo é ver qual lugar e função as vozes convocadas recebem no momento da constituição da filiação teórica, em revistas maranhenses, a saber, *Revista Afluente* e *Revista Infinitum*, da UFMA. Importa-nos analisar essas revistas, porque essa movimentação de vozes, em certa medida mostram regularidade, apesar de existir uma diferença considerável entre o ano de publicação de uma para a outra. Percebemos um movimento se repetindo nos artigos que tratam do ensino de língua portuguesa: os PCN mobilizados como uma voz que fundamenta teoricamente as pesquisas sobre o ensino, como voz da ciência.

Para este trabalho selecionamos três artigos que denominamos de A1 e A2, retirados da revista *Afluente*, e A3 retirado da revista *Infinitum*, publicados em 2017 e 2019, respectivamente. No que se refere aos objetivos dos artigos, objeto desta pesquisa, temos: i) A1 2017 que busca apresentar atividades, para ser realizada em sala de aula, elaboradas a partir de uma proposta de escrita de um Livro Didático; ii) A2 201 que se preocupa em identificar e analisar as concepções de texto e de leitura presentes no Currículo Oficial de Língua Portuguesa do estado de São Paulo; e iii) A3 2019 que intenciona analisar, a partir da observação de estágio supervisionado, o modo como o conteúdo de gramática é trabalhado no Ensino Médio de uma escola pública maranhense.

As reflexões desenvolvidas neste trabalho interessam à medida que se entende os artigos de periódicos acadêmicos como gêneros do discurso do campo científico, enunciados que representam a dinâmica e a atualidade do conhecimento produzido na universidade, que retomam estudos realizados, confirmam e refutam pesquisas, problematizam fatos naturalizados, deixam ver linhas teóricas de pensamento e diferentes concepções de pesquisa e de compreensão da discussão.

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

### Escrita acadêmica como atividade enunciativa

IN  
&  
DOCENTE

Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a violar o silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais seu enunciado entra nessa ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2011, p.272)

A escrita de artigos é uma atividade enunciativa, uma prática ligada à esfera acadêmica em que o sujeito pesquisador dialoga com teorias com o intuito de fundamentar o seu dizer e desenvolver sua investigação. O pesquisador não pode escrever como aquele que inicia e termina a discussão, ele precisa retomar discursos anteriores ligados à abordagem teórico-metodológica de seu objeto de estudo. Essas retomadas constituem uma das características que diferencia a escrita científica de outras escritas.

A discussão sobre o que caracteriza a escrita acadêmica, mais especificamente artigos de periódicos, nos remetem ao conceito de gênero do discurso explicado por Bakhtin (2003, p.261) como as formas da língua e as formas típicas dos enunciados, que “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo por sua estrutura composicional”.

Para o autor, moldamos nossos discursos sob as flexíveis formas de gêneros, os quais não chegam ao nosso conhecimento a partir de manuais, mas de nossas vivências, das enunciações concretas de que participamos e com as quais aprendemos; enunciações concretas que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos cercam. Essa reprodução não é mecânica, mas sempre situada, definida pelas condições reais de produção, pela situação social mais próxima, pelos participantes da comunicação.

A escolha de um gênero de discurso pelo locutor é determinada pela especificidade da esfera de comunicação discursiva e toda dinâmica que envolve suas regras sociais de

**COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.**

funcionamento. Bakhtin (2011, p.297) explica que cada “enunciado ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições”. Essa característica torna cada enunciado uma resposta a outros enunciados da mesma esfera.

No do campo acadêmico, falar sobre a escrita nos remete a pensar em uma diversidade de enunciados, de gêneros que circulam com denominações, funções e funcionalidades distintas, que vão da divulgação da produção científica à produção de conhecimento e, nesse processo, o pesquisador se apresenta como um sujeito enunciativo que se liga a determinada teoria e revela a sua filiação nos efeitos de sentido do seu trabalho, bem como através das relações com o discurso outrem.

#### **Filiação: relação sujeito e discursos outros**

O “discurso alheio” é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado. (VOLOCHINOV, 2018, p. 249)

No campo da escrita acadêmica, os enunciados aos quais o pesquisador se liga colocam à mostra as teorias que ele escolhe se filiar, teorias cujas vozes representativas aparecem por meio dos jogos de discurso citado que o pesquisador realiza em sua pesquisa, discursos outros incorporados e atualizados em discussões, em novas investigações. Os enunciados autorais e os das teorias convocadas se unem para estabelecer uma discussão entrelaçando-se em concordância ou discordância, de acordo o ponto de vista do sujeito que se coloca na posição de questionador, de pesquisador que entende a importância e a exigência de marcar a presença da palavra alheia cientificamente legitimada, marcas como a citação do discurso outro.

As formas de utilização dos discursos outros são Discurso Direto (DD) e Discurso Indireto (DI). O primeiro marcado obrigatoriamente com ano e página, que diz respeito à apresentação da voz alheia tal qual foi dito no texto fonte, essa transcrição recortada e colada em um novo enunciado produz novos sentidos. O discurso indireto (DI), se apresenta a partir da compreensão e tradução do leitor sobre a voz alheia, é marcado

**COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.**

apenas com nome e ano. O DI mostra a interpretação que foi feita a partir da palavra do outro, pois não recupera de forma literal as palavras ditas pelo autor fonte, mas apresenta uma compreensão analítica. Segundo Volochinov (2017), a análise é a alma do discurso indireto.

Importa-nos ver a citação como um recurso que manifesta respostas sobre a filiação teórica do pesquisador. A forma com que convoca os teóricos através desses jogos mostra a importância, o lugar e a função que cada autor recebe no gerenciamento das vozes na escrita da pesquisa. Ressaltamos, portanto, que o nosso interesse não reside em interrogar o “como” e/ou “sobre o que” falam as vozes citadas isoladamente, mas o que essas vozes citadas dizem sobre a constituição da filiação teórica de uma pesquisa, do sujeito que incorpora outros enunciados em sua escrita.

Volochinov (2017), ao discutir sobre a interação verbal, diz que a construção de enunciados é sempre orientada para o outro a quem se dirige. A importância desse destinatário real ou idealizado, individual ou coletivo, é grande e determinante na elaboração de qualquer projeto de dizer. Esse movimento dialógico faz de cada enunciado uma espécie de ponte que liga o eu ao outro a quem me dirijo.

A discussão sobre *interação* leva em conta também a relação do sujeito e os discursos alheios, que se fazem presentes no enunciado do locutor. Para Volochinov (2017), o discurso citado e suas variadas formas possibilita-nos observar a diversidade de vozes que constituem nossos enunciados, os quais são produzidos de modo responsivo por sujeitos sociais.

Partimos da concepção dialógica da linguagem, segundo a qual todo enunciado é atravessado pela voz do outro. Nessa perspectiva, tomamos o discurso citado como pista para observarmos o modo como o pesquisador dialoga com diferentes vozes a fim de mostrar sua filiação teórica. Compreendemos, a partir do que diz Volochinov (2018), que todo enunciado se constrói e se fortalece em meio a já ditos e como tal revela uma genealogia do dizer. O diálogo do sujeito com a palavra alheia nos faz ver uma atividade que carrega um valor genealógico, ou seja, os sentidos não têm origem no sujeito, mas vão se construindo através da relação com outros enunciados.

Aquele que escreve não inaugura as relações do campo científico, ao contrário, a busca por colocar-se ligado a uma linha de pensamento mostra uma relação de

**COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.**

genealogia do pesquisador que quer continuar e fortalecer os sentidos. O fato de não ser o primeiro não exclui a responsabilidade do sujeito em elaborar novidades, ao contrário, novos enunciados trazendo descobertas precisam acontecer para fortalecer o campo científico.

Esse processo, que envolve sentidos dados e criados, garante que a comunicação aconteça como fluxo verbal ininterrupto, que o sujeito seja visto como portador de uma genealogia social, mas também um sujeito situado que constrói sentidos dialogicamente. Sobre essa genealogia do dizer resgatamos o que diz Bakhtin:

Estou ligado por uma indissolúvel relação de filiação a paternidade e a maternidade genealógica (no sentido estrito da linhagem-povo, do gênero humano. Na pergunta “Que sou?” Ouve-se a pergunta: “Quem são meus pais, qual é a minha genealogia?”). (BAKHTIN, 2011, p. 164)

A discussão que propomos aqui dialoga com os estudos de França (2018) sobre a constituição da filiação teórica na escrita do pesquisador em formação. A autora dedicou-se a levantar e analisar, em teses de doutorado, uma série de operações linguístico-discursivas, como é o caso dos esquemas de discurso citado, a fim de entender como o dialogismo engendra a filiação.

Em consonância com França (2018), tratamos a citação como estratégia que nos dá pista sobre os jogos linguísticos-discursivos que o pesquisador realiza com as “outras” palavras para a construção do próprio dizer e do pertencimento a uma filiação teórica. Mencionar e usar a palavra alheia como fundamentação não é uma atividade aleatória, mas a retomada de uma rede de enunciados que existe e não pode ser desconsiderada, precisa continuar em novos enunciados. Uma continuação que se estabelece em meio a tensões, concordâncias e discordâncias.

A citação não acontece de modo aleatório, mas como um posicionamento valorativo do pesquisador, que pode ser analisada a partir dos modos como o sujeito cita e gerencia o discurso outro, pelos lugares e as funções que o discurso alheio assume nas pesquisas. As formas de discurso citado imprimem pistas da relação de proximidade e/ou afastamento com um ponto de vista teórico.

Sobre essa questão, França (2018, p.36) explica que a relação do enunciador com a voz do outro na pesquisa:

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

“É a luta do sujeito com a palavra alheia, com vozes portadoras de autoridade científica, a maneira como são colocadas uma em relação às outras a serviço da construção do próprio dizer, o modo como o sujeito responde à expectativa do leitor, como mostra adequação às regras da cultura acadêmica, como constrói dialogicamente sua filiação teórica.

A autora, ao investigar essa relação, levanta e categoriza diferentes vozes que organizam arranjos familiares: a) voz referência: corresponde àquela apresentada e mobilizada como a principal, o autor que orienta as discussões; b) voz descendente: autores diretamente ligados à voz referência como continuadores do legado da voz principal, assumindo a função de “traduzir”, ensinar e produzir novidades a partir de conceitos da voz referência; c) voz *aliada*: convocada de uma linha de pensamento distinta daquela em que se situa a voz referência e estabelece o diálogo entre pontos de vista distintos, mas possíveis de acordos e aproximações; d) voz *parceira*: participa da discussão concordando com a voz referência sem a relação de hierarquia, mas como parceiros unidos por um objetivo comum; e) voz *memorável*: autores que precisam ser citados, dado o papel de destaque que assumem no campo científico, cuja presença é esperada pelo interlocutor na esfera acadêmica; e f) voz *do interlocutor*: aquele para quem se escreve, embora esteja fora, a sua presença é uma realidade (FRANÇA, 2018).

A voz referência, categoria que nos interessa discutir, diz sobre os nomes principais na pesquisa, que organizam e norteiam as discussões, sendo os autores a que o pesquisador decidiu se ligar. Nos artigos, essa marcação de nomes essenciais acontece a partir da introdução, quando o pesquisador marcar linguisticamente, através de discurso indireto, os autores que compõem a linha de frente da discussão proposta.

As problematizações bakhtinianas sobre as formas de discurso citado, como uma atividade dialógica, e ainda as vozes categorizadas na investigação de França (2018) sobre a filiação na escrita do pesquisador em formação, nos ajudam a interrogar sobre filiação em artigos que circulam em periódicos científicos. Nesta pesquisa, queremos entender quais vozes têm assumido o lugar de voz referência e que função elas exercem na escrita de pesquisas que tratam sobre o ensino de português nas escolas.



COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

### Os efeitos de sentido e a filiação teórica

Como objetivo desta pesquisa é ver qual lugar e função essas vozes recebem no momento da constituição da filiação teórica, selecionamos duas revistas maranhenses da UFMA. A primeira é a *Revista Afluente*, periódico científico de *Qualis B2*, disponível online desde o ano de 2016, da qual selecionamos 20 artigos do período de 2016 à 2019 dentre os quais escolhemos dois artigos do ano de 2017.

Simultaneamente, utilizamos a *Revista Infinitum*, um periódico multidisciplinar que ainda não passou por avaliação da CAPES, mas que publica semestralmente e tem pesquisas aprovadas pelos seus pareceristas, estando disponível em versão *online* desde 2018. Desta revista selecionamos um artigo publicado no ano de 2019. Dessa forma, constitui o *corpus* desta pesquisa três artigos, e para facilitar a compreensão do leitor foram denominados da seguinte forma: A1/ 2017 e A2/ 2017, retirados da revista *Afluente* e A3/2019 retirado da revista *Infinitum*. Nesses artigos observamos dois fenômenos recorrentes:

- 1) os nomes de *Geraldi; Antunes; Dolz, Noverraz e Schneuwly; e Travaglia* assumindo o lugar de voz referência, ou seja, aquela que orienta cientificamente a pesquisa;
- 2) a voz dos Parâmetros Curriculares Nacionais assumindo o lugar e a função não apenas de documento oficial de direcionamento das práticas de ensino, mas também de discurso científico.

Nos artigos, objeto de análise, esses fenômenos sinalizam para uma confusão de lugares, uma vez que os PCN não visam fazer ciência, ou seja, não investigam a prática de ensino, mas estabelecem parâmetros sobre como o trabalho do professor deve acontecer na sala de aula. Os PCN representam a voz do governo nacional, do Brasil.

Para apresentar essas operações, buscamos os artigos e selecionamos os fragmentos, abaixo, que mostram uma operação recorrente: a delimitação de um conjunto de autores organizados, a partir de pontos-chave da pesquisa, e a presença marcada dos PCN como uma voz que dialoga com o discurso científico, de modo a ratificar e continuar o que dizem os pesquisadores.

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

Os fragmentos (1) (2) (3) são enunciados que expõem não apenas a existência de um documento regulador de práticas, mas também a importância dos PCN, que representam o governo brasileiro, como uma voz com a qual o pesquisador A1/2017 dialoga para construir a validade de seu dizer.

Vamos, então, analisar os movimentos realizados com os autores, aqui considerados como *voz referência*, observando quais são as vozes mais recorrentes nos artigos de língua portuguesa das revistas analisadas, e que lugar e função ocupam na constituição da filiação teórica da pesquisa. Para analisar essas operações, buscamos nos artigos selecionados fragmentos em que se evidenciam as vozes e que, pelo modo de articulação, apontam para o que estamos chamando de *vozes referência* para mostrar como tal movimento se constitui na escrita desses artigos.

Vejam os fragmentos selecionados do A1/2017. Esse artigo esboça uma discussão que tem como centro a produção textual. O pesquisador apresenta atividades de produção escrita do gênero artigo, a partir da sequência de um livro didático, entendendo-o como uma ferramenta importante para o ensino, possível de ser manuseada e adaptada pelo professor. O pesquisador conclui que é possível planejar o ensino de produção a partir do livro didático.

Artigo	Fragmento (1)
A1/ 2017	<p>Introdução</p> <p>Este artigo está organizado da seguinte maneira: introdução, pressupostos teóricos, descrição das atividades e considerações finais. <b>O ensino da produção escrita tem respaldo nas pesquisas de Geraldi (2013), Antunes (2003), Dolz et al. (2010) e Koch &amp; Elias (2014)</b>, para os quais é condição fundamental para a escrita ter um interlocutor e ter o que comunicar. Já sobre o ensino da coesão textual tomamos como referencial teórico os estudos <b>de Koch (2009; 1992). E, finalmente, sobre o uso das sequências didáticas admitimos os estudos de Dolz, Noverraz &amp; Schneuwly (2004).</b></p> <p>(A1/2017, p.03. grifos nossos)</p>

Fonte: P1/ A1 (2017)

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

No artigo A1, desde a introdução, o pesquisador anuncia sua filiação que, como diz França (2018), funciona como um critério formal de origem daquele que se coloca na condição de pesquisador, como se vê nos trechos negritados no **Fragmento (1)**. Vemos que as vozes são colocadas em bloco por temáticas: (a) aquelas que “*tem respaldado o ensino de língua*”; (b) aquela que é a *referência* sobre o ensino da coesão textual e (c) aqueles que tratam sobre o *uso da sequência didática*.

O esquema de apresentação de retomada das vozes acontece pelo uso do discurso indireto, em que a relação entre nome do autor e ano de publicação situa o leitor quanto aos exteriores teóricos. Esse esquema, em certa medida, autoriza a discussão com a palavra alheia, assim como indica que os atores não carregam a mesma importância. Nas palavras do pesquisador da A1/2017, Geraldi (2013), Antunes (2003), Dolz *et al.* (2010) e Koch & Elias (2014) “têm respaldado” nas concepções teóricas que abordam o ensino da escrita. Os autores são tratados como membro de um coro que não se separam, há neles uma continuidade, um diálogo sem divergências que atravessa todo trabalho. O pesquisador A1/2017 reconhece o trabalho desses autores e a importância que esses nomes carregam, citá-los não significa apenas fazer a menção do nome próprio, mas o anúncio da constituição da filiação teórica do trabalho.

Convocar autores marca a legitimidade de cada um como representantes da linha de pensamento a que o pesquisador busca filiar-se, reconhecendo-se como pertencente a ela. O pesquisador os trata como nomes que têm um destaque na esfera acadêmica pelas pesquisas que desenvolveram. Quando usa as palavras “tem respaldo”, “tomamos” e “admitimos” o pesquisador não fala apenas por si, mas pela comunidade acadêmica, de suas experiências de leitura. O artigo (A1) passou por avaliação de um corpo de pareceristas que avaliou e o aprovou para publicação, validou o diálogo com as vozes citadas.

O **fragmento (1)** traz o destaque para autores e conceitos importantes para a pesquisa: *Coesão textual e Sequência didática, representadas por Koch (2009; 1992) e Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004) respectivamente*. Esse destaque mostra que as vozes têm funções diferentes na escrita, indica ainda a produção de novos enunciados, implica considerar que no campo científico os nomes próprios (os autores) citados representam um modo de ver e de tratar esses conceitos. Trata-se da voz de especialistas que

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

construíram um percurso teórico metodológico para explicar o sentido de sequência didática e coesão.

Os PCN não foram marcados no momento em o pesquisador A1/2017 anuncia as vozes que fundamentam o trabalho de pesquisa, mesmo assim a voz do PCN aparece com significativa importância na escrita. Outra questão que se observa é com relação ao lugar e a função ocupado pelos PCN, que se aproxima do lugar e da função desempenhados por autores, por cientistas, como se vê no **fragmento (2)**, abaixo.

Artigo	Fragmento (2)
A1/2017	<p>Pressupostos teóricos</p> <p>Dependendo da forma como a escola propõe as atividades de escrita, ela pode tanto promover o gosto como também a dificuldade do aluno em realizar tal atividade. <b>Dolz et al. (2010, p. 16)</b> destacam que a escola tem condições de despertar o gosto pela escrita, embora essa seja uma atividade bastante complexa. <b>Para estimular a escrita, o professor precisa ter consciência dos procedimentos que a produção de textos exige, só assim ele poderá proporcionar ao aluno um ensino sistemático da escrita. De acordo com os PCN para o Ensino Fundamental, há quatro tipos de atividades de escrita realizadas na escola: a transcrição, a paráfrase, o decalque e a autoria. Interessa-nos, porém, as atividades que envolvem autoria</b>, uma vez que é nesse tipo de atividade que o aluno terá de articular os planos da expressão e do conteúdo em um mesmo texto. Sendo assim, esta certamente é a atividade de escrita que exige mais do aluno e que, possivelmente, ele terá mais dificuldades em realizar.</p> <p>(A1/2017, p.05. grifos nossos)</p>

Fonte: P1/ A1 (2017)

No **fragmento (2)**, podemos observar que o pesquisador da A1/2017 deixa à mostra o encontro entre a voz de representantes do discurso científico com a voz da instância oficial que regula as práticas de ensino, como se vê no trecho negrito. O foco do A1/2017 é discutir a produção de texto relacionando a sequência proposta por "Dolz et al (2010)" e ainda explorar os encaminhamentos dos PCN sobre a "autoria". Contudo, ao

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

considerarmos os PCN como documento de orientação, este não deveria funcionar como fundamentação teórica, pois a sua função é de orientar a prática docente em sala de aula, é regular os conteúdos e acontecimentos na aula, para favorecer o ensino de competências e habilidades que precisam ser exploradas pelo professor para que os alunos consigam absorver o conteúdo de forma significativa. Como é dito na carta de apresentação do documento, seu objetivo é auxiliar o professor:

“Na execução de seu trabalho, compartilhando seu esforço diário de fazer com que as crianças dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade” (BRASIL, 1997, p. 4)

As discussões feitas no corpo do texto dos PCN dialogam com teorias científicas. Contudo, sabemos que esse documento chega às escolas com a finalidade de promover mudanças positivas na educação básica e conseqüentemente afeta a formação de professores, mas não se pode dizer que os PCN inauguram discursos científicos, ele pode ser considerado como um discurso de divulgação científica, mas não como aquele que discute a ciência. Entretanto, o que se observa, a partir do **fragmento (2)**, é que esse documento tem assumido uma posição diferenciada, um lugar estranho se comparado aos objetivos a que se propõe.

Isso pode ser observado quando olhamos para os nomes representativos de teorias para o ensino, como “Dolz et al. (2010, p. 16)” apontado no **fragmento (2)**, que dialogam com o discurso do documento como se não houvesse distanciamento entre eles. Essas vozes vão se cruzando como pertencentes à mesma esfera. No artigo, acontece uma aliança entre pesquisas científicas e os Parâmetros Curriculares Nacionais, parece haver uma equivalência entre as vozes convocadas para fundamentar o dizer do pesquisador e fortalecer a discussão posta por ele, para tratar sobre o ensino de língua.

O **fragmento (2)** mostra como o pesquisador traz a voz da ciência, em seguida recupera o documento (PCN) como se fosse essencial trazê-lo, não para justificar, mas para se unir com a ciência e evidenciar a discussão feita. Essa operação é vista ainda no **fragmento (3)**, a seguir, quando o pesquisador traz as vozes representantes da ciência, a partir do discurso indireto, para discutir sobre a reescrita, e em seguida, traz o documento



COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

em forma de citação direta, como um pressuposto teórico, que continua o que diz Dolz *et al* (2010) sobre o trabalho com a produção textual na sala de aula.

Vejamos como esses movimentos se constituem nos fragmentos (3 e 4) selecionados do A1/2017.

Artigo	Fragmento (3)
A1/2017	<p><b>Pressupostos teóricos</b></p> <p>Dolz et al. (2010, p. 27) também salientam a importância da revisão e da reescrita para o ensino-aprendizagem. Segundo os autores, todo escritor deve reescrever, pois, ao retornar ao próprio texto, ele tem a possibilidade de intervir e aperfeiçoar a sua escrita. Na escola, etapas de revisão e reescrita auxiliam o ensino-aprendizagem da produção textual, no entanto, é importante que o professor promova o afastamento do aluno de seu próprio texto, para um retorno posterior, admitindo, dessa forma, uma intervenção eficaz na melhoria do texto (DOLZ et al., 2010). <b>Tratamento semelhante à atividade de reescrita é dado pelos PCN, que tornam a refacção um processo legítimo para o aperfeiçoamento dos textos dos alunos:</b></p> <p>Na escola, a tarefa de corrigir, em geral, é do professor. É ele quem assinala os erros de norma e de estilo, anotando, às margens, comentários nem sempre compreendidos pelos alunos. Mesmo quando se exige releitura, muitos alunos não identificam seus erros, ou, quando o fazem, se concentram em aspectos periféricos, como ortografia e acentuação, reproduzindo, muitas vezes, a própria prática escolar. Entretanto, a refacção faz parte do processo de escrita: durante a elaboração de um texto, se releem trechos para prosseguir a redação, se reformulam passagens. Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões. Tais procedimentos devem ser ensinados e podem ser aprendidos. (BRASIL. MEC, 1998, p. 77)</p> <p>(A1/2017, p.07. grifos nossos)</p>

Fonte: P1/ A1 (2017)

Podemos perceber que, nesse movimento de citação, o pesquisador se utiliza do discurso dos PCN, colocando-o em posição de importância quando se trata do ensino.

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

Desta forma, os PCN assumem função oficial de documento orientador, bem como de fundamentação para o dizer de A1/2017, já que para esse pesquisador as vozes representantes da ciência não parecem suficientes para fundamentar a pesquisa sobre o ensino.

No gerenciamento de vozes, que estabelecem a filiação teórica, os PCN assumem lugar de destaque junto à teoria, uma vez que é uma orientação que dialoga com estudos sobre o ensino, cuja importância não pode ser negada, uma vez que a chegada dos PCN na escola promoveu mudanças significativas quanto às práticas docentes, no entanto não se pode dizer que esse documento inaugura as discussões sobre o ensino, pelo contrário, os debates e os estudos científicos são os responsáveis pelas descobertas e pelas abordagens teóricas para o ensino de português. Nesse sentido, chama atenção o modo como os PCN são utilizados para ratificar o discurso científico, como se vê no trecho negrito do **fragmento 3**.

O artigo A2 também mostra essa relação de união e aliança que levantamos acima. A2 tem como proposta identificar e analisar concepções de texto e leitura em um documento de língua portuguesa do estado de São Paulo. O pesquisador de A2 chega à conclusão que o referido documento foi elaborado em um diálogo estreito com os estudos teóricos anunciados como pressupostos epistemológicos. Em A2 não há dúvidas sobre o alinhamento entre o que está posto no Currículo Oficial e o que dizem os pressupostos, o que parece ser uma forma de validar o lugar e a função do discurso oficial como discurso científico. Conforme vemos nos fragmentos a seguir:

Artigo	Fragmento (4)
<b>A2/2017</b>	Introdução Partindo do viés dialógico de língua (gem) e texto postulado por Bakhtin (2000; 2014), Geraldi (1997; 2012); Kristeva (1974) e Marcuschi (2008) e da concepção de leitura como atividade complexa de construção de sentidos (KLEIMAN, 1989; KOCH, 2010; SILVA, 2003; TREVIZAN, 2000; 2004) <b>verificamos que o Currículo Oficial está em consonância com os pressupostos epistemológicos</b> (histórico-culturais) que balizaram essa investigação, embora não apresente, explicitamente, uma concepção de leitura para direcionar o trabalho docente.

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

	(A2/2017, p.02. grifos nossos)
<b>Artigo</b>	<b>Fragmento (5)</b>
<b>A2/2017</b>	<p>Introdução</p> <p>A partir da publicação e implementação dos PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, 2000) de língua portuguesa, os professores se viram instigados a conceber o texto como principal objeto de estudo em suas práticas profissionais, deixando de lado práticas esclerosadas que partiam de fragmentos textuais e que objetivavam, apenas, o estudo (descontextualizado) das regras gramaticais.</p> <p>(A2/2017, p.02)</p>

Fonte: P2/ A2 (2017)

O fragmento (4) sinaliza para o fenômeno que indicamos no início desta discussão: a recorrência de nomes de autores legitimados, como “Geraldi (1997; 2012)” convocado para fundamentar a pesquisa sobre o ensino. Acerca disso, um ponto chama atenção: a indicação de que Geraldi também é um dos autores que fundamenta o “Currículo Oficial” de língua portuguesa do estado de São Paulo, que é o objeto de análise do pesquisador A2/2017. Ou seja, as vozes de destaque da investigação também fundamentam o documento, guardadas as devidas diferenças, pois o “Currículo Oficial” não apresenta explicitamente **“uma concepção de leitura para direcionar o trabalho docente” (A2/2017)** e também não relaciona nomes e conceitos “explicitamente”, tal como os PCN, construído com discretas citações diretas e indiretas, mas como muitas alusões.

Para marcar a filiação, o pesquisador A2/2017 elenca nomes que representam teorias que discutem sobre gênero discursivo, texto e concepções de leitura como atividade complexa na construção dos sentidos, como se pode ver no trecho do **fragmento (4)** “Partindo do viés dialógico de língua (gem) e texto postulado por Bakhtin (2000; 2014), Geraldi (1997; 2012); Kristeva (1974) e Marcuschi (2008) e da concepção



**COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.**

de leitura como atividade complexa de construção de sentidos (KLEIMAN, 1989; KOCH, 2010; SILVA, 2003; TREVIZAN, 2000; 2004)”.  
ISSN: 2359-1064

Em A2, os PCN não aparecem marcados de forma explícita na fundamentação do trabalho. Mas, observamos que ao longo da tessitura de escrita do documento essa voz é recuperada e sua convocação ocorre de forma diferenciada, apontando para uma nova construção de sentido quanto ao processo de filiação. O pesquisador de A2/2017 recupera os PCN de forma indireta, marcando as contribuições que este documento apresenta para a sua proposta, a voz dos PCN recebe um destaque mais importante do que encontramos em A1/2017, como poderemos ver no trecho recortado do **fragmento (5)**, no qual se vê os PCN na construção da filiação: “A partir da publicação e implementação dos PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, 2000) de língua portuguesa, os professores se viram instigados a conceber o texto como principal objeto de estudo em suas práticas profissionais.”.

No enunciado destacado acima, os documentos são apresentados como fundadores da concepção de texto como objeto de estudo no ensino na escola. Mas, aproximando a lupa, observamos que não acontece assim, pois antes da criação e implementação deste documento, já existia a discussão do texto para sala de aula como proposta possível de contextualização e interação. Essa ideia não nasce com o documento, mas com o discurso científico, a ciência é a grande responsável por elaborar estudos sistemáticos que culminaram na hipótese do texto como objeto essencial para o ensino.

O **fragmento (5)** mostra um movimento de transposição de características da ciência para o documento. Esse movimento evidencia certa confusão de papéis e níveis de importância, fazendo o documento assumir a função equivalente ao discurso científico. Dizendo de outro modo, como uma voz que tem a capacidade de criar algo ou construir possibilidades de renovação dos discursos que já existem. Porém os PCN, enquanto documento oficial, não correspondem a uma investigação, mas uma orientação sobre como devem ser as práticas de ensino, não interrogam sobre o funcionamento do ensino e/ou sobre as práticas realizadas pelo professor.

Na tentativa de explicar o que estamos propondo com esse movimento do pesquisador A2/2017, fomos buscar o próprio documento (BRASIL;1997) para

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

observarmos o que ele diz sobre a teoria que o fundamenta quando se trata da concepção do texto para sala de aula e, nessa busca, encontramos notas de rodapé que marcam o diálogo explícito com o discurso científico:

Essa organização articula propostas de João Wanderley Geraldi para o ensino de Língua Portuguesa (...) (BRASIL, 1997, p.30)

Essa é uma das poucas referências diretas, nominais de teóricos nos PCN. Por essa nota, percebemos a importância e o reconhecimento à João Wanderley Geraldi como uma voz que não pode ser desconsiderada dada a contribuição científica para a discussão sobre o ensino de língua portuguesa. Esse movimento nos faz refletir sobre a constituição da filiação que agora se ressignifica na escrita do pesquisador da A2/2017, fazendo-nos entender que o sentido de filiação não é transparente.

Em seguida veremos outro movimento que se utiliza dos PCN de forma incisiva, revelando sua importância pela forma como é mobilizado na escrita. Vejamos os **fragmentos (6) e (7)** selecionados do A3/2019, que objetiva discutir sobre o ensino de língua portuguesa em consonância com as experiências do estágio supervisionado, observando como o conteúdo de gramática é trabalhado em turmas do ensino médio de uma escola estadual do interior do Maranhão. O pesquisador identificou alguns problemas na prática de ensino da gramática, identificadas por A3 como descontextualizadas e sem reflexão sobre a realidade social dos alunos.

Artigo	Fragmento (6)
<b>A3/2019</b>	<p>Introdução</p> <p>Os estudos que sustentam as ideias do presente trabalho pautam-se principalmente em Travaglia (2002), no tópico dois sobre a definição de gramática. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio (PCNEM) de LP, um dos documentos oficiais que traz orientações aos professores para o ensino da língua, está abordado no tópico três. O quarto tópico apoia-se nas ideias de Irandé Antunes (2003), que relata experiências e reflexões sobre o ensino de LP e caracteriza a realidade de ensino. Neste tópico também são utilizados outros autores tratando sobre a mesma temática.</p>

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

	(A3/2019, p.04. grifos nossos)
<b>Artigo</b>	<b>Fragmento (7)</b>
A3/2019	<p>Definição de gramática</p> <p>Ao tratar sobre a definição de gramática, o documento oficial dos Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio (PCNEM) explica que:</p> <p><b>“O conceito refere-se a um conjunto de regras que sustentam o sistema de qualquer língua. Na fala, fazemos uso de um conhecimento linguístico internalizado, que independe de aprendizagem escolarizada e que resulta na oralidade. Na escrita, também utilizamos esse conhecimento, mas necessitamos de outros subsídios linguísticos, fornecidos pelo letramento (conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito)”</b> (BRASIL, 2002, p. 60).</p> <p>Percebe-se que o conceito supramencionado, evidencia a gramática como sistema cuja integração faz-se, por meio de regras nas duas formas em que a língua pode se manifestar, a oral e a escrita. Na oral, utiliza-se de um conhecimento advindo de aprendizagens internalizadas, são noções adquiridas desde a infância no processo comunicativo. Na língua escrita, emprega-se também desse subsídio, a diferença está na associação do letramento que recebemos com a escolarização.</p> <p>Travaglia (2002, p. 26) enumera três concepções para o conceito de gramática, a primeira “[...] <b>é concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente [...]</b>” entende-se, com relação a esse primeiro conceito, que é admitido apenas uma variedade - a padrão - para uso na linguagem escrita ou na oral.</p> <p>(A3/2019, p.05. grifos nossos)</p>

ISSN: 2359-1069  
Fonte: P1/ A1 (2019)

No **fragmento (6)**, observamos o modo como o pesquisador registra o anúncio dos nomes que fundamentam a pesquisa. Esses nomes de autores são anunciados como vozes que fundamentam o trabalho: “Travaglia (2002)”, “PCNEM” e “Antunes (2003)”.

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

Essa operação ratifica os dois movimentos que encontramos na construção da filiação: a recorrência de autores, como Antunes, reconhecida pelos estudos voltados para o ensino de português, e os PCN ocupando o lugar de voz que sustenta uma investigação científica. O pesquisador A3/2019 anuncia Antunes como a voz que orienta uma linha de pensamento ao mesmo tempo em que sinaliza a existência de vários autores que também serão convocados por estarem alinhados ao pensamento defendido por Antunes (2003), como podemos observar no trecho: “Neste tópico também são utilizados outros autores tratando sobre a mesma temática”.

Com essas palavras, o pesquisador não se detém a marcar ou mencionar em sua filiação os nomes de outros teóricos de que se utiliza, mas sente a necessidade de deixar mencionado Antunes (2003) como voz que, para ele, tem reconhecimento em meio a essas outras vozes que discutem sobre a mesma temática.

Sobre os PCN, fica evidente que a sua presença é de fundamental importância, pois ao documento é dedicado um dos tópicos do artigo, vejamos o que está posto na introdução de A3/2019 “Nos Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio (PCNEM) de LP, um dos documentos oficiais que traz orientações aos professores para o ensino da língua, está abordado no tópico três.” Esse destaque indica que a função dos PCN é de alinhamento com os teóricos, que “sustentam” a pesquisa.

As escolhas do pesquisador da A3/2019 não acontecem de forma aleatória, mas por uma construção valorativa relacionada à concepção de língua e de ensino a que o pesquisador busca filiar-se a partir dos nomes convocados. Ou seja, o ato de anunciar, as vozes não são um sinal neutro, mas um signo linguístico, de natureza ideológica (VOLOCHINOV, 2017), carregado de sentido e intencionalidade valorativa do sujeito que seleciona uma teoria e não outra, que menciona e dá ênfase a certos nomes e não a outros, assim como vemos no **fragmento (6)**, quando A3/2019 anuncia sua filiação.

O pesquisador identifica as vozes que vão ser úteis na construção da pesquisa, em meio às quais está o PCNEM de LP, identificado como “*um dos documentos oficiais que traz orientações aos professores para o ensino da língua*”, ou seja, o pesquisador não deixa dúvidas de que reconhece os PCN como documento orientador, desta forma o inclui entre “os estudos que sustentam as ideias” do trabalho. Os PCNEM com dupla função: a voz oficial sobre como deve ser o ensino e a voz da ciência que problematiza o ensino.

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

O **fragmento (7)** mostra o modo como o pesquisador da A3/2019 relaciona vozes para construção de seu ponto de vista, e de sua filiação. Observamos isso na parte em que o pesquisador trata sobre a *“definição de gramática”*, e cita os PCN de forma direta (discurso direto) para explicar o conceito de gramática, em seguida faz uma espécie de comentário apreciativo sobre a citação de Brasil (2002). Como vemos nas passagens:

(PCNEM) explica que: **“O conceito refere-se a um conjunto de regras que sustentam o sistema de qualquer língua. Na fala, fazemos uso de um conhecimento linguístico internalizado, que independe de aprendizagem escolarizada e que resulta na oralidade. Na escrita, também utilizamos esse conhecimento, mas necessitamos de outros subsídios linguísticos, fornecidos pelo letramento (conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito)” (BRASIL, 2002, p. 60).**

Percebe-se que o conceito supramencionado, evidencia a gramática como sistema cuja integração faz-se, por meio de regras nas duas formas em que a língua pode se manifestar, a oral e a escrita. (A3/2019, fragmento/7)

Neste caso, o pesquisador A3/2019 se coloca como porta-voz, aquele que transmite o discurso alheio, como uma citação direta, e preserva as palavras alheias tais quais foram ditas. Em seguida, ele faz uma espécie de paráfrase da mesma citação, ou seja, registra sua compreensão sobre o discurso citado e se coloca na posição de tradutor, daquele que diz com as próprias palavras sobre o discurso do outro.

Na continuidade, vemos no fragmento (7), a voz de Travaglia (2002) sobre os diferentes conceitos de gramática seguindo o jogo do discurso citado: discurso direto e comentário, ou seja, o pesquisador como porta-voz e comentarista. Travaglia (2002) reforça e completa o que foi dito pelos PCNEM sobre a construção conceitual de gramática. Como podemos ver a seguir: “Travaglia (2002, p. 26) enumera três concepções para o conceito de gramática, a primeira **‘[...] é concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente [...]’** entende-se, com relação a esse primeiro conceito, que é admitido apenas uma variedade - a padrão - para uso na linguagem escrita ou na oral”

Percebemos níveis de importância diferenciados entre essas vozes citadas. Os PCN, além de documento, são também os responsáveis por explicar a definição de

**COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.**

gramática, como se esse sentido nascesse com ele e não com o discurso científico que o fundamentou.

Como já dissemos, a presença de um documento como os PCN na construção de trabalhos é algo, em certa medida, esperada, dada sua importância como voz oficial que regula as práticas de ensino, já que se faz presente na escola e nos cursos de formação de professores. O inesperado diz respeito ao tratamento dessa voz como discurso científico, como uma voz referência da filiação teórica.

### **Considerações finais**

Nosso trabalho teve como objetivo observar reflexivamente quais vozes são recorrentes em pesquisas que discutem sobre ensino de língua. Para isso, selecionamos artigos de revistas maranhenses que tratam sobre o ensino de língua portuguesa. Nesses artigos, observamos a construção da filiação teórica do pesquisador, o que é uma exigência da escrita acadêmica. A linha de pensamento que fundamenta o trabalho deve ficar marcada na elaboração do artigo científico, desde a introdução através dos jogos de citação e construção de sentidos do texto. Na observação do *corpus*, encontramos dois movimentos regulares.

O primeiro trata-se da recorrência de nomes para discutir o ensino da língua. Esse movimento de fato é esperado, pois quando se fala em filiação, o pesquisador, obrigatoriamente, se liga a nomes reconhecidos na esfera científica para desenvolver seu trabalho. Os nomes são convocados em blocos como se um fosse continuação e confirmação do ponto de vista do outro. Não há o movimento de observar as diferenças entre o que dizem os autores.

O segundo movimento refere-se à recorrência aos PCN como membro da linha teórica que fundamenta as pesquisas. Não há como negar a importância dos PCN, pois eles são elaborados e chegam à escola com a finalidade de reformular um currículo nacional a partir de estudos das diferentes áreas de conhecimento. Podemos considerar que esse documento se caracteriza também como um discurso de divulgação científica, à medida que, como diz Authier-Revuz (1998), faz a mediação entre o discurso da ciência e o grande público (professores das escolas), ou seja, é um discurso sobre a ciência e não

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

da ciência. O lugar e a função que esse documento tem assumido sinaliza para a complexidade do processo de filiação.

Os trabalhos selecionados e analisados mostram que os PCN fundamentam o dizer do sujeito pesquisador e dialogam com a ciência como se comungassem da mesma posição. Em certos momentos, o percebemos tão destacado a ponto de o pesquisador colocá-lo como sendo a própria ciência. Assim sendo, convocá-lo na pesquisa da forma como está sendo feito é um problema, porque ele está assumindo uma dupla funcionalidade: a de documento regulador de prática e, em paralelo, também age como a voz da ciência que faz parte da filiação teórica. Esse movimento chama atenção para esses arranjos que estão sendo construídos e são aprovados pelos pareceristas das revistas como produção de conhecimento, nos fazendo ver a necessidade de aprofundar tais estudos e melhor entender o sentido de produção de conhecimento que se desenha a partir das revistas científicas.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação: Referências**. Rio de Janeiro, p. 24. 2002.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Palavras Incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2011.

CARVALHO, Tais Silva; SILVA, Maria Francisca da. O ensino de língua portuguesa: as práticas de ensino de gramática vivenciadas no estágio supervisionado interdisciplinar. **Infinitum**, São Bernardo, UFMA, v.2, n. 1, p. 61-79, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/infinitum/search/authors/view?firstName=Tais&middleName=Silva&lastName=Carvalho&affiliation=Universidade%20Federal%20do%20Maranh%C3%A3o%20-%20UFMA&country=BR>. Acesso em: 03 abr. 2019.

FERREIRA, Talita Goulart. Produção escrita e coesão textual: é possível trabalhar com a sequência do livro didático em sala de aula?. **Afluentes**, Bacabal, UFMA/Campus III, v.2, n. 5, p. 48-62, mai./ago. 2017. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluentes/article/view/7675>. Acesso em: 03 abr. 2019.

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2019.

FRANÇA, Katia Cilene Ferreira. **A filiação teórica na escrita do pesquisador em formação**: uma análise sobre a genealogia do dizer acadêmico pelas formas da língua. 2018. 176f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. IN: **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e História. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUIMARÃES, Cleber Ferreira. **Texto e leitura**: uma abordagem histórico-cultural para a formação do leitor. Afluente, Bacabal, UFMA/Campus III, v.2, n. 5, p. 63-78, mai./ago. 2017. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/7676>. Acesso em: 03 abr. 2019.

VOLOCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

Como citar este artigo (ABNT)

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F. **Filiação teórica: uma análise do lugar e função desempenhados pelas vozes convocadas**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 8, n. 1, p. XXX-XXX, 2021. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

COSTA, H. C.; FRANÇA, K. C. F. **Filiação teórica: uma análise do lugar e função desempenhados pelas vozes convocadas**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Recebido em: 08/01/2021

Aprovado em: 21/06/2021

Publicado em: 01/07/2021

ISSN: 2359-1064

